



## UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA ARTE NAS LUTAS SOCIAIS

*An observation about the contributions of art in social struggle*

**Priscila Rodrigues Castro\***



### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre as potencialidades artísticas apresentadas dentro das lutas sociais contemporâneas. Para tanto apresentamos um panorama sobre os processos de construção e estilos culturais estabelecidos com o capitalismo tardio fundamentados na teoria de Frederic Jameson que por meio da matriz marxista estabelece sentidos para toda a produção cultural de nosso tempo. Tal reflexão nos instiga a realizar uma análise urgente das expressões sócio-culturais brasileiras na medida em que observamos uma ostensiva reação conservadora e fundamentalista na direção das manifestações artísticas muitas delas originárias nas lutas sociais da classe trabalhadora. É necessário perceber a possibilidade do uso político da arte para potencializar as lutas coletivas na tentativa de frear o retrocesso na conquista de direitos e liberdades de fruição humanas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte. Lutas Sociais. Dominante Cultural. Pedagogia Política.

### **ABSTRACT**

This work considers the potentialities art has among the social struggle in present days. We present a landscape of construction processes and cultural styles set by the late capitalism, and grounded in Frederic Jameson's theory that establishes senses for all cultural production of our time, through a Marxist axis. That perspective urged us to analyse Brazilian cultural expressions, at the same time a conservative and fundamentalist political agenda aims artistic manifestations, many of them native from the struggles of the working class.

\* Assistente Social. doutoranda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil). R. São Francisco Xavier, 524, Sala 1006 A, Maracanã, Rio de Janeiro (RJ), CEP.: 20550-900. E-mail: <priscilaorc@yahoo.com>.

DOI: 10.22422/2238-1856.2017v17n34p567-587

It's imperative to realize the importance of art in politics, to support the social struggles and stop the throwback of rights and liberties of human condition.

**KEYWORDS**

Art. Social struggle. Social dominance. Political pedagogy.

Submetido em: xx/x/2017

Aceito em: xx/xx/2017

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da arte nos processos de lutas sociais na contemporaneidade. No entanto, devemos pensar a lógica capitalista em curso que impossibilita o desenvolvimento social pleno, e isso se relaciona a todas as formas de fruição artísticas. Localizados no solo histórico atual neoliberal onde um receituário político ideológico é aplicado indistintamente, implica analisar sua generalidade como também sua particularidade brasileira, onde traços importantes de nossa história combinam marcas do passado resistentes e o novo, somando-se à lógica ideológica, político-econômica e cultural globalizada. Pensando na produção artística do nosso tempo e dentro de nossa realidade sócio-histórica o conhecimento das expressões socioculturais e suas influências se faz urgente, visto que a questão estética vem assumindo características globais hegemônicas e uniformizantes dado a incorporação das ideias dominantes conservadoras e fundamentalistas sobre o estético.

Na contramão desta tendência uniformizante é notável a diversidade de manifestações artísticas presentes nos mais variados atos e movimentos das lutas populares hoje. Neste sentido justificamos a importância desta reflexão para pensarmos as lutas sociais contemporâneas - contra as opressões, reivindicações trabalhistas, moradia, políticas sociais entre tantas outras que demarcam as lutas da classe trabalhadora - e as formas de manifestação artísticas que se apresentam nas expressões sócio culturais de grupos e movimentos sociais que encontram na estética formas de comunicar e resignificar as lutas nas quais estão inseridos.

Muitos destes grupos criam e recriam formas de manifestações estéticas e artísticas que abrem novas possibilidades para a construção de sensibilidades que renovam as formas de resistir ao cotidiano mimético e alienante a que somos submetidos.

Ressaltamos, portanto, a urgência de pensar sobre as formas de uso e de expressão que esses grupos tão heterogêneos vivenciam por meio da arte, como se desencadeiam seus processos criativos, como se dão os processos de significação, fruição e questionamento ao estabelecido.

Nossa reflexão se volta à função social da arte de forma geral e se estendem justamente sobre os modos como suas expressões e manifestações vêm sendo produzidas continuamente pelos sujeitos que estabelecem lutas sociais frente à ordem de exceção de direitos. Pensar sobre essas manifestações é determinante frente à onda conservadora que aponta a particularidade da vida política brasileira, lembrando os fatos recentes de censura estabelecidos nas produções culturais no segundo semestre de 2017. Precisamos repensar sobre as formas artísticas e suas possibilidades dentro da lógica estrutural na qual estamos inseridos, como resgatar os valores e os fundamentos de uma produção cultural que dê sentido e represente a humanidade que vem cada vez mais se desumanizando.

O texto se divide em três partes iniciando com a contextualização histórica e brilhante tese do crítico literário marxista Frederic Jameson, que localiza a *lógica cultural do capitalismo tardio* e nos dá base para as reflexões. Num segundo momento de forma sintética apontamos a importância da arte para socialização humana. Em seguida faremos um esforço de articular as lutas sociais e suas expressões socioculturais<sup>1</sup> contemporâneas como importantes mecanismos e ferramentas de lutas coletivas.

### **LÓGICA CULTURAL PÓS-MODERNA**

Em *Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, Frederic Jameson (1996) propõe uma reflexão sobre a concepção da produção cultural e artística do ponto de vista do conceito de pós-modernismo. Para analisar o que representa esse período, iniciado nos anos 60 apresenta aspectos do período histórico anterior, o período moderno ou alto modernismo que teve início entre os anos 30 e

---

1 Não utilizaremos nenhum exemplo singular de manifestação artística – tais como a música, o poema, a literatura, as artes plásticas, o cinema e teatro - ou de movimento social específico, lembrando que apontamos para importância reconhecida do Movimento dos Sem Terra (MST) que consegue articular suas lutas a diversas formas de expressões culturais populares.

40. Estes períodos se diferem em seu significado, função social, seu posicionamento no sistema econômico e, segundo o autor, das transformações na esfera da cultura.

Sobre o surgimento dos pós-modernistas, Jameson (1996) esclarece que foi um movimento surgido como reação específica contra as formas do alto-modernismo. Neste período do alto-modernismo, início do século XX, a arte tinha um sentido de contestação ao estabelecido, os artistas procuravam chocar e até mesmo ofender a classe média buscando romper com costumes e valores impostos à época.

Os anos 60 demarcam uma ruptura neste estilo. Quando há uma incorporação dos artistas clássicos modernistas ao “cânone”, esse estilo passa a ser ensinado em escolas e universidades, para Jameson esvaziando o sentido de subversão existente no modernismo, passando assim a ser visto como academicista por toda a nova geração de artistas contemporâneos.

Há segundo ele, uma erosão da distinção anterior entre alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular. Coloca como o elemento mais angustiante do ponto de vista acadêmico, indicando uma crítica aos discursos encontrados no que tem sido chamado de teoria contemporânea, ou a “nova estética da textualidade”. Para Jameson (1996) “[...] hoje em dia, cada vez mais, temos um tipo de escrita simplesmente chamada de ‘teoria’, que é, ao mesmo tempo, todas e nenhuma dessas coisas” (JAMESON, 1996, p. 19). Essa ruptura não é só cultural, as teorias do pós-moderno tem semelhança com as generalizações sociológicas que inauguram um tipo de sociedade, a sociedade do consumo.

A arte contemporânea demonstra certa complacência com essa característica do intolerável e do escandaloso vistos no modernismo. Mesmo tendo os aspectos formais do modernismo a arte contemporânea mudou fundamentalmente de posição dentro dessa cultura. O autor afirma que rupturas radicais não envolvem mudanças completas de conteúdo, mas a reestruturação de elementos já dados, aspectos que eram subordinados agora se tornam dominantes. Portanto, todos os aspectos que descreve em sua tese sobre o pós-modernismo podem ser encontrados durante o modernismo, o que o autor propõe é que tenham sido aspectos

secundários, e de que surge algo novo quando eles se tornam aspectos centrais da produção cultural.

Jameson (1996) parte das teorias desenvolvidas por Mandel para explicar a lógica cultural que se estabelece no capitalismo tardio, um novo estágio do capitalismo que data do contexto do pós guerra, final dos anos 1940 e início de 1950 nos Estados Unidos, e que nos anos 1960 demarca um período de transição.

O autor afirma que neste estágio do capitalismo houve uma “mutação” na esfera da cultura, as ações que antes demarcavam a subversão e a dissonância identificadas no alto modernismo se tornaram inadequadas, pelo processo de “institucionalização” dos clássicos e principalmente pela incorporação da produção cultural e estética à lógica da produção de mercadorias. Portanto, para Jameson (1996) o Capitalismo tardio traz em si uma lógica cultural própria que se integra e é funcional aos seus princípios econômicos, a pós-modernidade.

Sobre o conceito de pós-modernismo Jameson (1996) define que não se trata de um conceito que descreve um estilo particular, trata-se de um conceito de periodização, com um determinante histórico. E que ele necessariamente se relaciona a uma posição política com respeito à natureza do capitalismo. O pós-modernismo para ele não deve ser entendido como um simples estilo e sim como uma dominante cultural se configurando numa revolução cultural. No sentido de “reprogramar” as relações sociais ao novo sistema político e econômico relacionado ao modo de produção capitalista.

Pós modernismo, portanto, é um estilo (artístico e cultural) que surgiu na arquitetura e que ficou visível em outras artes e literatura. Pós- modernidade não é um estilo, é um estágio estrutural do capitalismo, o terceiro estágio do capitalismo o capitalismo globalizado. A produção de mercadorias roupas, móveis, edifícios se relaciona intimamente com as mudanças de estilo que deriva da experimentação artística. Jameson (1996) afirma ser no campo da arquitetura que as modificações estéticas são mais problemáticas e de onde parte a análise do autor.

A cultura e a arte hoje são marcadas pela estratégia de produção, não no processo em si, mas em seu conteúdo temático, seu

“corpo” é esvaziado de sentido demarcando o fim do conteúdo. Relembramos que o Jameson (1996) faz uma análise da produção cultural na América e a relaciona com a vida social neste país, no entanto destacamos:

Porém, é nesse ponto que devo lembrar ao leitor o óbvio, a saber, que a nova cultura pós-moderna global, ainda que americana, é expressão interna e superestrutural de uma nova era de dominação, militar e econômica, dos EUA sobre o resto do mundo: nesse sentido, como durante toda a história de classes, o avesso da cultura é sangue, tortura, morte e terror” (JAMESON, 1996, p. 31).

Jameson (1996) demarca o surgimento da nova ordem social, o capitalismo tardio por meio de aspectos que entende determinantes para compreensão da especificidade da experiência pós-moderna, portanto, da cultura e produção artística neste estágio, são eles: uma nova falta de profundidade (teoria contemporânea e cultura do simulacro); um enfraquecimento da historicidade (esquizofrenia na temporalidade); um novo tipo de matriz emocional o que chama de “intensidades”; a relação de tudo isso com a tecnologia; e a missão da arte política no capitalismo tardio.

A característica mais formal e evidente da pós-modernidade é o aparecimento de um novo tipo de superficialidade que se relaciona a uma diminuição ou como o autor chama, uma “falta de profundidade”. Se relaciona a uma característica que corresponde ao apelo da imagem o que chama de a “morte da imagem” e todo processo de reificação envolvido que desconfigura os conteúdos em favor dos objetos.

Coloca uma característica importante a que chama de “esmaecimento dos afetos” o autor não quer dizer que todo o afeto ou subjetividade tenha desaparecido, porém, as relações humanas se aproximam das relações entre objetos. Relacionando o que aconteceu com os objetos transformados em mercadoria aproxima as figuras humanas. Não quer dizer que a produção cultural neste estágio seja destituída de sentimentos, no entanto, esses sentimentos segundo o autor são mais impessoais e atendem a um tipo específico de sentimento que denominou euforia.

Em relação ao que chamou de “discurso teórico”, se referindo às teorias contemporâneas, Jameson (1996) afirma ser um fenômeno que diz respeito ao estágio pós-moderno, um sintoma deste tempo. Existe uma incoerência entre descobrir a “verdade” no momento em que ela é descartada como impossibilidade teórica. Dentro deste aspecto, levanta a temática trazida por esse fenômeno do discurso teórico que é a “morte do sujeito”. Logo, podemos concluir, que a ideia por detrás deste pensamento é o encobrimento da identidade das classes sociais. O fim dessa singularidade levaria também ao fim de estilos singulares e únicos, levando a outra conclusão sobre a estética contemporânea, seu fim.

O modernismo encerraria essa possibilidade de criações únicas e verdadeiras restando à contemporaneidade a repetição e o estilo que Jameson (1996) denomina de “pastiche” o termo é empregado para diferenciar a ideia de imitação da comédia ou paródia. O conceito de imitação empregado é algo mais parecido com o conhecido termo “retrô”. Para o autor o que é apresentado como “novo” possui resquícios do passado, sempre com uma atmosfera nostálgica em relação aos momentos e às sensações.

O que é fundamental em seu pensamento é entender que essa lógica cultural torna clara como a sociedade se tornou incapaz de lidar com o tempo e a história. A linguagem da nostalgia, o pastiche, é incompatível com a historicidade real, essas características estéticas encobrem e tornam mais difíceis a percepção sobre o tempo e a história.

Logo, a ideia contida nessa lógica a de não perceber o presente como história expressa, segundo Jameson (1996), uma “identificação não mediatizada entre os homens e o real”, ou seja, um empobrecimento radical da experiência presente e que se traduz em nossa atual incapacidade de imaginar um futuro diferente deste presente, diverso de um prolongamento desse mesmo presente. A partir da “surdez histórica” do pós-moderno torna-se possível acreditar que vivemos numa sociedade sem classes, que todas as “narrativas mestras” foram invalidadas e que a vida social não obedece a nenhuma lógica sistêmica universal.

A estética modernista se vinculava a noção “[...] de um eu único e de uma identidade particular, de uma personalidade singular e de

um individualidade, da qual se espera que gere sua visão própria e singular do mundo e que construa o seu próprio estilo, singular e inconfundível” (JAMESON, 1996, p. 23, 24). Para atender a nova lógica do capital tardio o estilo modernista foi substituído negando a possibilidade de expressões singulares. Portanto, se não é possível um mundo de singularidades e estilos únicos, o modernismo pesa sobre a estética contemporânea impossibilitando a criação de novos estilos e combinações. Isso explica a lógica que afirma a falência da arte e da estética na contemporaneidade.

Para introduzir outro aspecto desta lógica, Jameson (1996) afirma que nossa vida cotidiana, experiências psíquicas e linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo como no modernismo. Afirma que essa falta de profundidade pode ser experimentada fisicamente por meio da percepção sobre a cidade onde o tecido urbano foi violentamente substituído, e essa nova superfície torna nosso antigo sistema de percepção sobre a cidade arcaico.

Com a nova dinâmica introduzida pelo capitalismo tardio e sua consequente mudança na sociedade, a sociedade de consumo, há uma reconfiguração na ideia de arte, entretanto o que é apresentado como “novo” na produção cultural possui resquícios do passado, sempre com uma atmosfera nostálgica em relação aos momentos e às sensações. Aqui demarca o que é fundamental no seu pensamento, como a sociedade se tornou incapaz de lidar com o tempo e a história. A linguagem da nostalgia é incompatível com a historicidade genuína esses sinais estéticos nos distanciam no tempo da imagem contemporânea. Utilizando Platão no que se refere ao conceito de “simulacro” que significa “a cópia idêntica de algo cujo original jamais existiu”, Jameson (1996, p) afirma que hoje vivemos em uma “cultura do simulacro”:

De forma bastante apropriada, a cultura do simulacro entrou em circulação em uma sociedade em que o valor de troca se generalizou a tal ponto que mesmo a lembrança do valor de uso se apagou, uma sociedade em que, segundo observou Guy Debord, em uma frase memorável, ‘a imagem se tornou a forma final da reificação’ (a sociedade do espetáculo) (JAMESON, 1996, p. 45).

Essa nova sociedade, do consumo, possui uma percepção de tempo e história equivocadas ou inexistente, não existe uma relação entre a construção de tempo e história, a sua história demonstra um apego a traços do passado para pensar e construir o presente. O que ocorre com a nossa atual produção estética com o desaparecimento do referente histórico, não é um exato ocultamento do presente, mas uma incapacidade de produzir representações de nossa própria experiência corrente.

Se sobrou algum tipo de realismo aqui, é o ‘realismo’ derivado do choque da percepção desse confinamento e da consciência gradual de que estamos condenados a buscar a História através de nossas próprias imagens pop e dos simulacros daquela história que continua para sempre fora de nosso alcance (JAMESON, 1996, p. 52).

A crise da historicidade leva, segundo Jameson (1996) a outra questão, a organização da temporalidade. A cultura neste sentido passa a se referenciar mais pela lógica espacial.

Se, de fato, o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas protensões e retenções em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em uma outra coisa que não ‘um amontoado de fragmentos’ e em uma prática de heterogeneidade a esmo do fragmentário, do aleatório (JAMESON, 1996, p.52).

Utilizando a teoria Lacaniana sobre a concepção de esquizofrenia o autor afirma que neste momento estamos de modo semelhante ao que Lacan observou, como se estivéssemos rompido a cadeia de significantes e significados. Com essa ruptura os significantes se apresentam indistintamente sem, no entanto, se relacionarem, o que as reduz a uma série de experiências materiais ou presentes sem relação com o tempo. Somos como os esquizofrênicos que não encontram sua identidade pessoal e não conseguem elaborar as noções de tempo.

Jameson (1996) coloca que a cultura do simulacro atende ao que Sartre chamaria de “desrealização de todo o mundo circundante da realidade cotidiana”. Representam “[...] simulacros mortos, apenas

pintados com as cores da vida [...]”(JAMESON, 1996, p.85) desse modo, perde-se a profundidade e densidade da experimentação artística.

Neste sentido afirma Jameson (1996), a arquitetura continua sendo a linguagem estética privilegiada da reprodução da cultura pós-moderna. Ele apresenta uma leitura do espaço pós-modernista afirmando que “estamos diante de algo como uma mutação no próprio espaço construído” e afirma ainda:

[...] nós mesmos, os seres humanos que estão nesse espaço, não acompanhamos essa evolução; houve uma mutação no objeto que não foi, até agora, seguida de uma mutação equivalente no sujeito. Não temos ainda o equipamento perceptivo necessário para enfrentar esse novo hiperespaço, como o denominarei, e isso se deve, em parte, ao fato de que nossos hábitos perceptivos foram formados naquele tipo de espaço mais antigo a que chamei espaço do alto modernismo (JAMESON, 1996, p. 65).

Esse novo espaço corresponde um novo modo de relação social, que o autor denomina “hipermassas”. Essa mutação no espaço – o hiperespaço pós-moderno- tornou impossível que o ser humano se localize em seu entorno, como também fazer cognições no mundo. Reafirmando uma disjunção entre corpo e meio ambiente construído, resultando em uma incapacidade de mapear na rede de comunicação global nossa situação como sujeitos individuais.

Nesse mesmo sentido retomamos a teoria de Harvey (2017) sobre a compressão espaço tempo no estágio do capitalismo avançado, o autor parte da análise da acumulação flexível do capital e na mudança das práticas culturais que refletem o pós-modernismo. Sua teoria aponta para a compreensão das novas experiências relacionadas ao tempo e ao espaço na condição pós-moderna ao que ele denomina de um novo ciclo de “compressão do tempo-espaço na organização do capitalismo”.

São transformações econômicas profundas, nos processos de trabalho, nos hábitos de consumo e nas configurações geográficas. Essa estrutura flexibilizada do modo de produção, pós-fordismos 1973, configura as bases da cultura pós-moderna. Harvey afirma que são mudanças nos estilos de vida indo além de mudanças na esfera

da produção cultural, a era pós-moderna modifica os modos de vida e suas práticas. Para ele a fragmentação, a volatilidade e efemeridade do mundo moderno fazem surgir novas formas de relações sociais assim como relações novas dos homens com o seu meio. Assim, “[...] a modernização envolve a disrupção perpétua dos ritmos espaciais e temporais, e o modernismo tem como uma de suas missões a produção de novos sentidos para o espaço e o tempo num mundo de efemeridade e fragmentação” (HARVEY, 2017, p. 199).

As categorias de tempo e espaço para Harvey são essenciais para entendermos as relações humanas nesse estágio do capitalismo, especialmente no que concerne aos efeitos da acumulação flexível que fragmenta e dispersa o processo produtivo, que descarta a mão de obra humana em favor da tecnologia e que suprime fronteiras espaciais e temporais, mudanças que denominou de “compressão espaço tempo”.

Sobre a dominação do espaço Harvey (2017) afirma ser uma fonte de poder social na e sobre a vida cotidiana:

Surgem então duas questões bem gerais. Em primeiro lugar, quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social. Não desejo dizer com isso que quem define as regras sempre ganhe toda competição que possa se seguir. [...] Contudo, a hegemonia ideológica e política em toda sociedade depende da capacidade de controlar o contexto material da experiência pessoal e social. Por essa razão, as materializações e significados atribuídos ao dinheiro, ao tempo e ao espaço têm uma grande importância no tocante à manutenção do poder político. O problema imediato, porém, é compreender os processos sociais mediante os quais suas qualidades objetivas são estabelecidas. Com isso, podemos avaliar melhor a afirmação de que, a partir dos anos 70, vem ocorrendo algo vital para a nossa experiência do espaço e do tempo que provocou a virada para o pós-modernismo (HARVEY, 2017 p. 207).

Essa realidade salientada por Harvey é significativa na medida em que a produção econômica gera lutas entre os trabalhadores e os que detêm parte do espaço e do tempo.

Retomando a análise de Jameson (1996) onde procura estabelecer, em seus termos, uma periodização do pós-moderno, em outras palavras, situá-lo historicamente no tempo e espaço, identificando suas alterações e processos de mudança nos quadros do capitalismo, e ainda pensando no que Harvey (2017) aponta sobre a dominação do tempo e do espaço como fonte de poder social, reforçamos que as características sócio culturais presentes neste contexto histórico possuem um estilo e dominante cultural que assumem um significado no quadro do capitalismo tardio, tornando-se funcional à lógica desse modo de produção.

Jameson (1996) indaga se diante desse quadro é possível resistir à lógica do capitalismo de consumo, onde o pós-modernismo responde e reproduz essa própria lógica. O que se destaca no pensamento do autor e que nos serve como referência para pensar as práticas artísticas atuais é sua reflexão inquietante sobre a funcionalidade social da cultura contemporânea. Questiona se seria possível “[...] em nossos dias uma política cultural contemporânea eficiente e da construção de uma cultura genuinamente política” (JAMESON, 1996, p. 74). E vai além, nos propõem pensar qual a função social da arte nos marcos do pós-modernismo. Portanto, trataremos de identificar de maneira sucinta a importância da arte para vida dos homens.

### **ARTE E SOCIABILIDADE**

Ancorados na perspectiva de totalidade, apresentamos aqui apontamentos para pensar a arte no cotidiano dos sujeitos sociais. A arte como dimensão da vida, como parte do processo de transformação do humano genérico vai ser tratada aqui como uma potencialidade e ferramenta essencial para a percepção da realidade cotidiana e na ampliação das potencialidades do pensamento e julgamento crítico dos sujeitos que a vivenciam. Não trataremos dos processos de mercantilização e alienação aos quais esta se submete, no entanto, valorizaremos manifestações no sentido de que a arte possibilita reflexões críticas sobre a realidade.

Como componente humano a arte que tratamos aqui não se reduzira a uma manifestação específica, porém, de forma geral trataremos de pensar suas diversas formas e potencialidades presentes nas relações sociais contemporâneas.

A arte como importante componente para a emancipação humana<sup>2</sup> no contexto da sociedade capitalista atravessa um dilema de refletir uma sociedade que vive uma lógica de mercantilização e padronização das produções e representações artísticas. Quando a arte se torna uma mediação de expressão dos indivíduos enquanto sujeitos - como expressão da construção da vida social - ela contribui para o desenvolvimento do homem e de sua relação com o espaço. Neste sentido ela possibilitaria a edificação do ser genérico, pois faz a mediação de pertencimento a um espaço e expressa a coletividade.

Jameson (1996) propõe pensarmos o destino e a função social da cultura em nosso tempo, propõe ainda repensar a semi-autonomia da esfera da cultura que foi destruída pela lógica do capitalismo tardio. Essa perda não implica em determinar o seu desaparecimento ou fim. Ele analisa esse discurso pelo seu oposto, o de uma explosão dessa esfera, uma expansão da cultura por todo o domínio social, tudo hoje é considerado cultural, das práticas às estruturas e psique. Pensando sobre atualidade de fazer a crítica referente à natureza da política cultural destaca:

Nenhuma das teorias de política cultural da esquerda contemporânea foi capaz de prescindir de noções variáveis de uma certa distância estética mínima, da possibilidade de colocar o ato cultural fora do ser massivo do capital e atacá-lo a partir daí. [...] A linguagem cifrada da cooptação é, por isso, onipresente na esquerda, mas parece oferecer uma base teórica completamente inadequada para entender uma situação em que todos nós, de um modo ou de outro, temos a vaga sensação de que não apenas as formas contraculturais locais e pontuais de resistência cultural e de guerrilha, mas também as intervenções explicitamente políticas como as de The Clash, são todas de algum modo secretamente desarmadas e reabsorvidas pelo sistema do qual podem ser consideradas parte integrante, uma vez

---

<sup>2</sup> Entendemos por emancipação humana a afirmação marxiana da restituição das relações humanas aos próprios humanos, superando as relações capitalistas que as tornam não humanas, fetichizadas, “fantasmagóricas” onde relações sociais assumem uma relação entre coisas. É a superação das mediações capitalistas que se colocam entre os humanos e a construção de sua própria história consciente, é a superação portanto, da forma mercadoria, da superação do capital e da construção de uma sociedade sem Estado.

que não conseguem se distanciar dele (JAMESON, 1996, p. 74-75).

Pensando em uma política radical de esquerda recomenda não nos deixarmos intimidar pelo repúdio da estética burguesa em especial a do alto modernismo, que se vincula a uma das mais antigas funções da arte – a pedagogia e a didática – mesmo que tomada como moralista em alguns momentos essa função teve nas eras clássicas que perceber a relação entre cultura e pedagogia. O que o autor propõem é a retomada desse modelo, evidenciar “as dimensões cognitivas e pedagógicas da arte e da cultura políticas”.

Coloca como um primeiro passo levantar os problemas do espaço com suas questões organizativas e seus processos de alienação na cidade. Afirma ser necessário a reconquista do sentido de localização e o mapeamento do sujeito e de suas trajetórias:

Certamente essa é a função exata que o mapeamento cognitivo deve ter na moldura mais estreita da vida cotidiana na cidade: permitir a representação situacional por parte do sujeito individual em relação àquela totalidade mais vasta e verdadeiramente irrepresentável que é o conjunto das estruturas da sociedade como um todo (Ibidem, p. 77).

Logo para Jameson (1996) existe uma importância essencial em mapear cognitivamente nossa relação social individual e nossa relação com as classes sociais o que, segundo o autor tem efeitos imediatos sobre a práxis política:

Uma estética do mapeamento cognitivo – uma cultura política e pedagógica que busque dotar o sujeito individual de um sentido mais aguçado de seu lugar no sistema global – terá, necessariamente, que levar em conta essa dialética representacional extremamente complexa e inventar formas radicalmente novas para lhe fazer justiça. [...] a nova arte política (se ela for de fato possível) terá que se ater à verdade do pós-modernismo, isto é, a seu objeto fundamental – o espaço mundial do capital multinacional -, ao mesmo tempo que terá que realizar a façanha de chegar a uma nova modalidade, que ainda não somos capazes de imaginar, de representá-lo, de tal modo que nós possamos começar novamente a entender nosso posicionamento como sujeitos individuais e coletivos

e recuperar nossa capacidade de agir e lutar, que está, hoje, neutralizada pela nossa confusão espacial e social. A forma política do pós-modernismo, se houver uma, terá como vocação a invenção e a projeção do mapeamento cognitivo global, em uma escala social e espacial (JAMESON, 1996, p. 79).

De acordo com o crítico norte-americano essa “nova arte política” e o novo papel da cultura devem antes de tudo compreender que ela irá se desenvolver no campo pós-modernista onde existe um esmaecimento do sentido da história que nos mantém prisioneiros do modo de produção capitalista em seu estágio tardio.

Propor estratégias de mudança e ações que se apresentem na contramão deste processo podem parecer impossíveis, e é exatamente por isso e neste momento histórico que devemos realizar uma apreensão das ações que invertem esta lógica cultural, fundamentados numa concepção crítica desta realidade.

O que Jameson (1996) nos ensina é que o pós-moderno não é nada tolerante, pois o que resta às formas de cultura que estão fora desta lógica são espaços diminutos e aparições muito episódicas. Porém, alerta:

Não me parece, de modo algum, que toda produção cultural de nossos dias é pós-moderna no sentido amplo em que vou usar esse termo. O pós-modernismo é, no entanto, o campo de forças em que vários tipos bem diferentes de impulso cultural – o que Raymond Williams chamou, certamente, de formas ‘residuais’ e ‘emergentes’ de produção cultural – têm que encontrar seu caminho (JAMESON, 1996, p. 31).

Não é reafirmando que todas as manifestações culturais são cooptadas pela lógica pós-moderna que iremos criar a capacidade de perceber e valorizar as práticas que de algum modo tentam subverter essa lógica. Neste sentido, e pensando no fortalecimento dos processos e lutas sociais que assumem características emancipatórias por meio do uso da arte, elencaremos algumas considerações sobre a importância de pensar sobre arte nos dias de hoje, principalmente na atual configuração da política e da sociedade brasileira.

## LUTAS SOCIAIS E EXPRESSÕES SÓCIO-CULTURAIS

Pensar as lutas sociais vinculadas às expressões culturais é um desafio, necessário de se enfrentar. Ainda mais no contexto da imposição política de uma nova forma de censura<sup>3</sup> e criminalização artística que o avanço conservador brasileiro tem apresentado.

Neste sentido, as lutas sociais dos diversos movimentos sociais da classe trabalhadora brasileira hoje são caracterizados por seu conteúdo reivindicatório que se relacionam às políticas sociais, mas também, por suas práticas de ação e atuação; muitas delas essencialmente marcadas por manifestações culturais. Nossa proposta é um olhar mais atento sobre essas produções antes de descartá-las como meramente culturais e ou esvaziadas de significações políticas.

Ressaltamos a importância de estabelecer nexos entre arte e formas de comunicação política, de configurar novas formas de se pensar a política cultural e arte contemporânea. Penso que a análise das políticas sociais perpassa a dimensão da cultura e que a mídia e as novas tecnologias ampliaram os processos de luta e defesa pelo desenvolvimento da política social. Essas lutas na atualidade brasileira assumem uma radicalidade no enfrentamento aos sujeitos coletivos suas questões e reivindicações, destacamos:

Há também uma dimensão cultural, que está relacionada à política, considerando que os sujeitos políticos são portadores de valores e do *ethos* de seu tempo. Se relacionados as políticas sociais às estratégias de hegemonia, isso significa sua configuração a partir de uma direção intelectual e moral, que está imbricada aos projetos societários com implicações para a concepção e a legitimidade de determinados padrões de proteção. (BEHRING, BOSCHETTI, 2008, p. 45).

O período Brasileiro pós golpe de 2016 vem se configurando num retrocesso para as políticas sociais e mais ainda, de criminalização

---

<sup>3</sup> Me refiro aos últimos acontecimentos no país, onde muros graffitados foram apagados de cinza pelo governo de São Paulo; a exposição *QueerMuseu* em Porto Alegre foi cancelada depois de manifestações do Movimento Brasil Livre; no Distrito Federal parlamentares com o intuito de cancelarem a exposição referente a ditadura militar pressionaram o diretor do Museu Nacional; um delegado do Mato Grosso do Sul mandou apreender uma pintura alegando apologia a pedofilia; uma peça onde Jesus era representado por um transexual foi proibida por um juiz na capital paulista.

das manifestações sociais e até mesmo censura no que tange às expressões sócio culturais, o que conseqüentemente acarreta um enfraquecimento das lutas coletivas em favor das políticas sociais.

Sobre a particularidade sócio cultural brasileira, em um texto escrito em 1979, porém, bastante atual, o professor Carlos Nelson Coutinho define:

Em primeiro lugar, a debilidade da sociedade civil é responsável pela minimização de um dos papéis essenciais da cultura: precisamente o de expressar a consciência social das classes em choque e de organizar a hegemonia ideológica de uma classe ou de um bloco de classes sobre o conjunto dos seus aliados reais ou potenciais. A cultura brasileira tornou-se assim, em grande parte, uma cultura “ornamental”, já que não existia (ou era excessivamente débil) o *médium* próprio da vida cultural: a sociedade civil. Em segundo lugar, um dos modos de isolar os grupos populares dos processos políticos constitui precisamente em “assimilar” os seus virtuais representantes ideológicos, incluindo-os – naturalmente em posição subordinada – nos novos blocos de poder que iam resultando dos processos de conciliação pelo alto (COUTINHO, 2011, p. 47).

Neste mesmo texto, Coutinho (2011) afirma que existe um desequilíbrio na luta cultural, onde as classes dominantes têm facilidade em encontrar representantes ideológicos “intelectuais orgânicos” e já as classes populares são o oposto disso, “lutam com grandes dificuldades para dar uma figura sistemática à sua autoconsciência ideológica”, o que leva, segundo o autor, a um clima asfixiante para o desenvolvimento cultural brasileiro, ao que chamou de “intimismo” relacionando ao movimento de cooptação intelectual. Neste sentido, afirma: “[...] o que a cooptação faz é induzi-lo – através de várias formas de pressão, experimentadas consciente ou inconscientemente – a optar por formulações culturais anódinas, ‘neutras’, socialmente assépticas” (COUTINHO, 2011, p.49).

Para Coutinho devemos travar uma batalha ideológica no plano cultural no sentido de desconstruir o elitismo cultural para um

estímulo e “transformação em sentido nacional–popular<sup>4</sup>” das obras culturais, como também, realizar sua crítica respeitando o pluralismo e a diversidade da produção autêntica. No entanto, salienta, “[...] essa crítica não pode se basear em critérios estéticos estreitos e normativos; não se trata de impor aos criadores certas “regras” arbitrariamente escolhidas” (COUTINHO, 2011, p. 70).

A cultura e arte em suas diversas manifestações constituem campos relevantes para a compreensão dos contornos dados às lutas coletivas e de seus processos de resistências e suas reais possibilidades emancipatórias. A utilização artística na luta coletiva por direitos pode se valer de formas diversas de estabelecer uma comunicação política por meio de variadas linguagens estéticas.

O que queremos destacar é a ampliação das possibilidades de formação de consciência e reflexão crítica possíveis por meio das manifestações artísticas dentro dos processos de lutas sociais da classe trabalhadora. No entanto, devem apontar para a mesma direção a forma e o conteúdo destas manifestações artísticas, devem expressar não só o conteúdo político mas, a forma e os processos em que eles se desenvolvem. No sentido de se posicionar e resistir frente à lógica pós-moderna, onde o conteúdo perde o sentido ampliando e fragmenta as lutas sociais.

A estética neste sentido aponta para uma percepção em que a forma possui um conteúdo resignificado que tem raízes nas vivências das lutas cotidianas da classe trabalhadora, nessa perspectiva nos aproximamos ao que Jameson (1996) chamou de “nova arte e cultura política”.

A arte como possibilidade pedagógica, como parte importante dos processos de lutas coletivas amplia as possibilidades de reflexão e questionamentos críticos sobre a realidade cotidiana dos sujeitos, possibilita a expressão de ideias e debates sobre o contexto histórico e amplia as redes de sociabilidade e garante a condição essencial à humanidade, um espaço para fruição.

---

4 “Assim, se o nacional-popular é essencialmente um modo de articulação entre os intelectuais e o povo (que faz desses intelectuais – na expressão de Gramsci – ‘intelectuais orgânicos’ das correntes populares), ele não pode ser entendido, no que se refere às suas figuras concretas e ao seu conteúdo, como algo oposto ao universal, como simples afirmação de nossas pretensas raízes culturais ‘autônomas’ contra a penetração do ‘cosmopolitismo alienado’ etc. (COUTINHO, 2011, p. 54).

A arte e suas potencialidades estéticas e pedagógicas, pode ser eficaz no sentido de garantir um veículo de comunicação política e garantir representações simbólicas da vida cotidiana dos sujeitos fazendo com mais facilidade que certas percepções e críticas a sociedade contemporânea se tornem visíveis. Além de servir de veículo aglutinador de identidades e vivências dos sujeitos que conseqüentemente tem reflexos na práxis política de diversos grupos sociais.

## **CONCLUSÃO**

Harvey (2017) descreve os principais fenômenos políticos econômicos permitindo que façamos um movimento no sentido de compreensão da totalidade para pensarmos as esferas da vida social em articulação com toda essa configuração histórica vinculada ao modo de produção nessa fase do capitalismo mundial. A predominância da esfera político-econômica, no entanto, não pode minimizar os impactos deste processo de acumulação na esfera da vida cultural. Sua teoria relaciona o tempo e o espaço como importantes determinantes para pensar as ações dos sujeitos contemporâneos e que sofrem reflexos da dinâmica do modo de produção. Ele trata da pós-modernidade como condição histórica afirmando que:

As práticas estéticas e culturais têm particular suscetibilidade à experiência cambiante do espaço e do tempo exatamente por envolverem a construção de representações e artefatos espaciais a partir do fluxo da experiência humana. Elas sempre servem de intermediário entre o Ser e o Vir-a-Ser (HARVEY, 2017, p. 293).

Harvey (2017) nos ajuda a compreender a constituição histórica do movimento do capital e seus conseqüentes reflexos na vida social apontando para as percepções do espaço e da cultura pós-moderna que exigem um exercício crítico dos sujeitos, que só será assegurada quando tomarmos consciência de nossa condição histórico espaço temporal. Para o autor esse olhar crítico materialista se traduz em uma reação à condição pós-moderna.

Retornando Jameson (1996), o autor afirma que diferente do capitalismo monopolista, que se desenvolveu acompanhado de uma

cultura modernista, relativamente autônoma e tendencialmente subversiva, o capitalismo tardio engendra uma lógica cultural homogênea e totalmente integrada a seus princípios econômicos. O pós-modernismo é a lógica cultural do capitalismo tardio. Porém, para ele, isto não significa dizer que toda a produção cultural de nossa época é pós-moderna, ou seja, o pós-modernismo não constitui uma lógica determinante, livre de contradições. Para o autor o pós-modernismo deve ser entendido como dominante cultural, mas existe possibilidade de existência de uma produção cultural que escape a ela.

Feitas estas considerações, e entendendo os limites das produções artísticas na condição pós-moderna, não temos a intenção de supervalorizar o papel da arte nas lutas sociais contemporâneas, nossa intenção é fazer uma reflexão de sua importante presença e ir além, advertir sobre a necessidade de pensar sobre arte por meio de uma leitura crítico dialética.

Pensar a arte como elemento presente no fazer político não quer dizer que ela deva suplantiar todas as formas da práxis política, pelo contrário, devemos ressaltar suas potencialidades e afirmar formas diversas e emancipatórias das práticas sócio-culturais. Propomos pensar os rumos reais da cultura na fase do capitalismo atual, suas formas de manifestação e produção advindas das manifestações da classe trabalhadora são fundamentais para compreendermos inicialmente: quais formas e linguagens artísticas mais utilizadas pelos sujeitos; quais práticas realizam uma comunicação mais eficaz no sentido político pedagógico; quais as elaborações e críticas são possíveis de sintetizar?; quais os valores potencializados pelo pertencimento de classe, gênero, raça e se é possível estabelecer relação com a totalidade da vida social a partir deles; como realizar uma crítica real sobre a própria produção estética hoje; e por fim, qual a autonomia das produções frente à lógica pós-moderna?

Precisamos retomar os sentidos que nos são capturados em nosso cotidiano, compreender que a arte é essencial nos processos de lutas sociais e que ela, certamente nos torna mais humanos e nos devolve esses sentidos potencializando o processo de emancipação humana. Quando esse processo de elaboração artística é feito coletivamente e amarrado às dinâmicas das lutas sociais pode

contribuir para desconstruir os processos de alienação que estamos submetidos.

Pensar em práticas e manifestações artísticas que de alguma forma subvertam a lógica do espaço-tempo pós-moderno, que reponham o sentido da fruição estética e da cultura e que criem possibilidades e formas de enfrentar e contrapor a lógica cultural dominante. As manifestações sócio-culturais presentes no cotidiano da classe trabalhadora, que reconfiguram as formas e conteúdos da arte permitem certo desenvolvimento de sensibilidades e possíveis modos de organização social, alinhando identidades e lutas coletivas na representação e percepção da realidade.

### REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: Fundamentos e História**. São Paulo: Cortez, 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 26. ed. São Paulo: Loyola, 2017. (Parte 2: A Transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX).

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.